

NARRATIVAS ORAIS DE HISTÓRIAS: A VISÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

Claudia Maria Petchak Zanlorenzi¹

Paola Helena Muxfeldt Morando da Silva²

Eixo temático : 8 - Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo

Em tempos de tecnologias, a arte milenar de narrativa oral, como forma de diálogo, constitui-se cada vez mais como um contraponto, haja vista caracterizar-se como espaço de experiência coletiva. Muito embora sejam consideradas apenas em seus aspectos pragmáticos, as narrativas de histórias, principalmente para crianças em espaços institucionais, revelam muito mais do que apenas práticas pedagógicas pretextuais e sim a possibilidade de um espaço para estudo, como por exemplo, a imaginação criativa, a oralidade, entre outros. Diante disso, o presente artigo tem por finalidade apresentar um recorte de uma pesquisa em andamento, tendo como sujeitos os professores dos anos iniciais, em um município do Sul do Paraná. A pesquisa tem por objetivo geral investigar a visão dos professores dos anos iniciais sobre a contribuição das narrativas orais de histórias para a aprendizagem dos alunos de classes de alfabetização. A pesquisa é de cunho qualitativo, utilizando a pesquisa bibliográfica e de campo, do tipo amostragem não probabilística. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário via formulário do *Google Docs*, por intermédio da Secretaria Municipal de Educação. Espera-se com esse trabalho contribuir com a valorização das narrativas orais de histórias e com sua densidade conceitual, para além de um mero passatempo ou como pretexto.

Palavras-chaves: Narrativas orais de histórias. Alfabetização. Ensino. Aprendizagem.

Introdução

As narrativas orais, ou contação de histórias como é comumente conhecida, é uma atividade recorrente no espaço escolar. Várias são as possibilidades que as

¹Pós doutora em Educação (Programa de Pós Graduação em Educação UEPG), Professora Adjunto da Universidade Estadual do Paraná – (UNESPAR) – Campus de União da Vitória, Colegiado de Pedagogia, vice líder Grupo de Estudos e Pesquisas em Práxis Educativa GEPPRAX (UNESPAR). Membro do grupo de Pesquisa HISTEDBR- Campos Gerais (UEPG). Contato: aecmari@gmail.com

² Graduanda de Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná – (UNESPAR) – Campus de União da Vitória, Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

narrativas desenvolvem nos alunos, como por exemplo, o desenvolvimento das funções cerebrais superiores como a linguagem, o pensamento, a memória e a abstração, uma vez que a medida que a criança participa de momentos de narrativas orais, seu pensamento vai se desenvolvendo com mais logicidade. Diante disso, como os professores compreendem essas possibilidades e como se utilizam das narrativas na sua prática pedagógica?

O presente artigo tem por finalidade apresentar o recorte de uma pesquisa em andamento, tendo como sujeitos os professores dos anos iniciais, em um município do Sul do Paraná. A pesquisa tem por objetivo geral investigar a visão dos professores dos anos iniciais sobre a contribuição das narrativas orais de histórias para a aprendizagem dos alunos de classes de alfabetização. Especificamente, objetiva-se: analisar os pressupostos teóricos sobre as narrativas orais em seus aspectos históricos, sociais e pedagógicos; analisar os pressupostos metodológicos sobre as narrativas orais em sala de aula de pré escola e alfabetização e investigar a visão dos professores sobre a contribuição das narrativas orais para a aprendizagem, bem como apontar as fragilidades e lacunas existentes na concepção destes profissionais.

A pesquisa é de cunho qualitativo, utilizando a pesquisa bibliográfica e de campo, do tipo amostragem não probalística. Para pesquisa bibliográfica, foram utilizados autores que discutem sobre narrativas orais e para a pesquisa de campo os sujeitos foram os professores da pré escola (infantil 5) e de classes de alfabetização (1º ano), da rede pública municipal de ensino. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário via formulário do *Google Docs*, por intermédio da Secretaria Municipal de Educação, o qual teve a anuência do Comitê de Ética³.

Para este texto, especificamente, foi feito um recorte com o intuito de apresentar a análise de uma temática dos dados gerais coletados, no que concerne a utilização das narrativas na prática pedagógica. Para tanto, uma vez que a pesquisa está em andamento, o artigo não tem a intenção de esgotar o assunto, outrossim, pretende-se apresentar reflexões provenientes do estudo já realizados.

O texto iniciará com uma discussão sobre a contribuição das narrativas orais para o desenvolvimento do sujeito e na sequência serão apresentadas as reflexões,

³ Parecer 4.197.511, de 06 de agosto de 2020. Comitê de Ética Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

lacunas e fragilidades provenientes da análise dos dados. Espera-se com esse trabalho contribuir com a valorização das narrativas orais de histórias e com sua densidade conceitual, para além de um mero passatempo ou como pretexto.

2 Narrativas orais de histórias e seus aspectos conceituais

Em meio à aceleração das mídias, das tecnologias, a participação em contação de histórias constitui-se cada vez mais como um contraponto, haja vista caracterizar-se como espaço de experiência coletiva simbólica.

A ato de narrar histórias é uma arte milenar e está atrelada à formação humana e ao uso da palavra. Da utilização como explicação dos mitos, lendas, causos até como forma de disseminação e acesso à literatura, uma vez que é “a primeira forma consciente de comunicação literária” (SHEDLOCK, 2004, p. 20), as narrativas orais proporcionam muito mais do que a perpetuação de uma cultura.

O homem, como ser histórico, nasce com o potencial para ser humano, ou seja, a partir de suas condições materiais de vivência que ele vai se humanizando, o que lhe difere dos animais que utilizam somente o instinto. Essa diferença tem como cerne a possibilidade do sujeito intencionar a sua ação, ou seja, de projetar mentalmente o resultado de seus interesses e necessidades com a “[...] superação do ser hominizado em direção ao ser humanizado, processo que, para se efetivar, demanda a inserção de cada indivíduo particular na história do gênero humano.”(MARTINS, 2013, p. 10). Neste sentido, a efetivação da linguagem como um sistema de signos é primordial para a subjetividade humana, haja vista que “a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, 125). A partir da relação com natureza e o intercâmbio entre os indivíduos, o que envolve não só os mecanismos biológicos e elementares e sim os aspectos sociais, é que o homem se torna sujeito histórico.

Por meio do intercâmbio entre os homens, como um processo interpessoal e objetivo, a linguagem irá transformar-se em um processo interno, intrapessoal, subjetivo: como instrumento de mediação e instrumento intelectual. A mesma, especificamente, como um organismo vivo e histórico, “carrega consigo os conceitos generalizados, que são a fonte do conhecimento humano.”(LURIA, 2017, p. 26).

É por meio dessa internalização que se dá a construção do pensamento consciente e que conseqüentemente determina outras funções psíquicas como a

memória lógica, atenção voluntária e a formação de conceitos, uma vez que “ O crescimento intelectual da criança depende de seu domínio dos meios sociais de pensamento, isto, é da linguagem.”(VIGOTSKI, 1987, p. 44).

Nesse viés, a linguagem como potencializadora não pode ser caracterizada somente em seu aspectos formal e instrumental, mas sim na sua dialogicidade, numa perspectiva de totalidade, como forma de humanização. A exposição oral é um “[...] grande meio de expressão e de atividade. [...] enquanto prática social é inerente ao ser humano, [...] a porta de nossa iniciação à racionalidade.” (MARCUSCHI, 2003, p. 35), ou seja, para qualquer questão que envolva o conhecimento, o domínio da linguagem é primordial.

Em face ao exposto, afirma-se a necessidade de momentos que oportunizem as crianças vivenciarem ações que incentivem a linguagem, enquanto processo interpessoal para intrapessoal. Dentre elas, defende-se a utilização das narrativas orais de histórias, ou contação de histórias, pois considera-se esses momentos como espaços preponderantes para o desenvolvimento da criança, desde pequena.

Muito além de considerá-las em seus aspectos apenas pragmáticos, faz-se necessário reflexões, discussões e debates que possibilitem proporcionar a densidade conceitual que a narrativa oral de história merece, como também considerá-la como arte de “intercambiar experiências.” (BENJAMIN, 1994, p. 198), tanto para aquele que ouve como para a aquele que conta história, numa duplicidade mútua de aprendizagens.

Muito embora comumente no espaço escolar seja resumida a um passatempo, volta a calma ou hora do conto na biblioteca, a participação das crianças em momentos de narrativas orais, por meio da linguagem do outro possibilita que desenvolvam a sua própria narrativa e, conseqüentemente, formando-se como sujeitos históricos e sociais. Ao ter contato com o encantamento das narrativas por um contador de histórias, experimentam o ato de disseminar a palavra e com ela a beleza dos encadeamentos tanto os estruturais da linguagem como os simbólicos, ou seja, respectivamente, aqueles que são congnicíveis já na superfície da linguagem, ou aqueles que necessitam o aprofundamento semântico.

Todavia, enquanto dialogia enunciativa, no espaço educacional, a contação de histórias não pode ser relegada à coadjuvante, como pretexto para algo ou com fins moralizantes. Nesse viés, vários autores tratam da contribuição da narrativa oral de

histórias, destacando-se: Matos, Sorsy (2009), Sisto (2005), Girardello (2004), Machado (2004, 2015). Os referidos autores são unânimes em considerar a necessidade do espaço da narrativa oral com um fim em si mesma e não apenas como ponte para conteúdos, comportamentos ou mera estratégia didática, respeitando sua soberania, seja como arte, seja como linguagem, seja na sua especificidade pedagógica.

Neste viés, a história não pode ser tratada como forma de indicar algo, na imposição de dizer alguma coisa, mas sim ela se revela a cada pessoa, ela reverbera em cada pessoa no seu momento, conforme o seu contexto, sua intuição, suas inferências. Por tanto, utilizá-la como pretexto é abortar a característica simbólica da narrativa e deturpar o momento de desenvolvimento pontual e próprio dessa fonte de conhecimento. Não há necessidade de explicação adicional ao final da história, pois a cada contação, mesmo que feita de forma subjacente, o ouvinte irá dar-lhe um significado, refletirá sobre uma questão que lhe chamou a atenção, relacionará com sua vivência ou apenas se deleitará com as reverberações e ressonâncias dos efeitos da palavra estilisticamente polida e escolhida pelo narrador.

Sem ter consciência da contribuição das narrativas orais de histórias como arte da palavra, ao utilizá-la somente para fins aleatórios a seu próprio estatuto, essa arte pode escapar, “[...] já que via de acesso que se oferece a ela não é o encantamento, mas a realização de conteúdos programáticos, na maioria das vezes enfadonhos e obscuros” (MACHADO, 2015, p.16), subestimando as narrativas orais e suas especificidades em função formativa cultural, social e educativa.

No espaço escolar, as narrativas orais, sem as amarras de uma imposição programática, instauram momentos de aprendizagem que ultrapassam o mero momento de deleite e divertimento. Uma vez considerada em sua particularidade, ela produz efeitos preponderantes para a aprendizagem da linguagem: compreensão da estrutura narrativa, alargamento de referências imagéticas, função qualificativa da adjetivação, a escrita poética, o aumento do vocabulário, inferência, a projeção de ações, entre outros, a depender da faixa etária que estiver sendo trabalhada, efeitos que estão intimamente relacionados ao desenvolvimento psicológico das funções mentais superiores como já afoi apontada

Para tanto, “[...] como a mão do oleiro na argila do barro.”(BENJAMIN, 1994, p. 205), aspectos devem ser levados em consideração para uma narrativa oral de

história e o professor (contador) deve estar atento a essa questão, o que envolve escolhas, entre elas: a história que deve querer ser contada, ou seja, o contador deve ter vontade de oralizar a história e conhecê-la; a observação do tempo e do espaço, da faixa etária; e que, notadamente, “A história tem que ser sempre ‘maior’ que o contador.” (SISTO, 2005, p. 43- grifos do autor). Por mais performático que seja o contador, esse não deve sobressair ao espaço da história, pois ao invés do público dedicar sua atenção aos fios que tecem a narrativa, direcionam à performance de quem conta, haja vista que “O excesso da ênfase é a ruína de toda narração”(SCHEDLOK, 2004, p. 28). Todavia, essa questão não pode ser impeditivo para a preparação da narrativa.

Narrar uma história não é nem dramatizar uma história e nem ler uma história. O contador deve se aprofundar na técnica dessa arte, por não ser um mero falar uma história, pois “[...] a palavra do contador não é apenas falada; ela é mostrada pelo corpo, pelo rosto, em cada gesto. Todo corpo deve estar em sintonia com cada palavra proferida. “(MATOS, SORSY, 2009, p. 35). Portanto, para surpreender a plateia, de qualquer idade, é imprescindível abusar do inusitado, pela expressividade facial, corporal, entonação da voz, pela sutileza imagética que a palavra, o olhar, o gesto podem pressupor ao ouvinte.

Esses recursos são primordiais para que a narrativa oral, além de esteticamente bem executada, faculte ao contador a “[...] capacidade de transmutar imagens internas em configurações de linguagem, ordenadas poeticamente.”(MACHADO, 2015, p.16).

Nesse sentido, as narrativas são possibilidades potencializadoras de habilidades linguísticas, uma vez que a criança está exposta à linguagem. Romeo (ett ali, 2018, p. 700) aponta que “A exposição precoce das crianças à linguagem afeta suas habilidades linguísticas posteriores, habilidades cognitivas e desempenho acadêmico, e grandes disparidades na exposição à linguagem estão associadas ao status socioeconômico familiar (SES)”. É importante salientar que outros condicionantes envolvem a aquisição dessas habilidades e sendo assim, longe de generalizações, a questão do status econômico não é a única a determinar tal situação. Todavia, esse indicador exposto pelos pesquisadores indicam reflexões sobre o ensino para as crianças de escolas públicas e de suas menores condições socioeconômicas. É nesse sentido, que se defende a garantia do espaço das

narrativas orais de histórias para aqueles que por ventura não têm um ambiente educativo extra escolar em seu dia a dia.

Diante ao exposto, as reflexões apresentadas acima tiveram a finalidade de dar densidade conceitual às narrativas orais de histórias e apresentar, mesmo que brevemente, a contribuição das mesmas. Entretanto, será que os professores possuem esse conhecimento em relação à contribuição das narrativas orais de histórias? Tendo como problemática essa questão, a próxima seção apresentará uma pesquisa realizada com professores dos anos iniciais e que atuam na rede pública. É importante salientar que a discussão que será apresentada não tem o intuito de apontar receitas de como trabalhar, nem fazer negativamente a crítica, mas sim apresentar aspectos, lacunas e fragilidades que poderão direcionar ações para o aprofundamento da temática em futuras formações docentes.

4 Resultados e Discussão

A pesquisa que foi realizada em um município do Sul do Paraná, constitui-se do tipo amostragem não probalística, a partir de um questionário via formulário *google docs* direcionado aos professores dos anos iniciais da rede municipal de ensino, especificamente da pré escola (infantil cinco) e do primeiro ano, devidamente aprovado pelo Comitê de Ética. As perguntas que versaram o questionário e que delimitaram as temáticas analisadas foram: sobre a utilização das narrativas orais na prática pedagógica e quando utiliza; como faz a narrativa oral de histórias e se utiliza algum material; para que utiliza a narrativa de história; qual sua contribuição.

Primeiramente, foi solicitada a autorização à Secretaria Municipal de Educação, responsável por essas etapas de ensino, que disponibilizou os questionários aos sujeitos via e-mail. Foram enviados para trinta e três sujeitos, tendo retorno de doze respostas. Uma vez que a pesquisa era por amostragem, esse número de respostas, mesmo que menor, forneceu reflexões preponderantes para os questionamentos da pesquisa e reflexões, bem como planejamento de futuras ações.

Para esse artigo serão apontadas questões alusivas ao questionamento “em que as narrativas orais de histórias contribuem para a aprendizagem do aluno na alfabetização”, com o intuito de discutir o entedimento dos docentes e a importância que dão à mesma.

Para a apresentação das reflexões coletadas nos dados, foi feito um recorte a partir da temática que parecia com mais proeminência nas respostas e que deram base para análise dos dados. Os sujeitos, em sua grande maioria, apontaram as narrativas orais como contributo para aprendizagem da leitura e como possibilidade de incentivo à leitura. Mesmo com outras palavras, as respostas culminavam para esse apontamento:

[...] o interesse pelas práticas de leitura e escrita. (P1).

[...] prazer em ouvir história tornando-se futuramente um leitor(P3);

[...] A interação da criança com a leitura desde muito cedo, faz com que ela saiba trabalhar com a interpretação utilizando sua concentração, boa percepção dos fatos e sua sequência, obtenha maior facilidade no desenvolvimento da escrita. (P9)

[...] o contato com histórias despertando o interesse pela leitura. (P10)

Oralidade leitura e escrita. (P11)

[...] através das histórias os alunos são imersos no mundo da leitura e da fantasia. (P12)

As respostas acima apresentadas demonstram uma confusão didática recorrente, quanto se trata da diferenciação entre mediar a leitura e narrar uma história. Enquanto a mediação de leitura necessita de um suporte, o livro especialmente, e com isso o foco é a visão, o contar história utiliza a sonoridade das palavras, tendo como foco a audição. Muito embora o contador utilize apoio nos gestos, nas expressões faciais, na cadência do corpo,

Contar um conto não é ler um conto. A leitura em voz alta é uma atividade enriquecedora e muito apropriada para despertar o gosto pelos livros, mas, no âmbito em que trabalha o narrador, costuma ter algumas limitações. Também não é dizer um monólogo teatral. Além do mais, a fronteira entre uma e outra atividade é ambígua [...]. Ao narrar um conto empregamos nossas palavras, que podem ser diferentes a cada vez que contamos. (ORTIZ, 2004, p 104).

Por isso, ao ser manifestado que a narrativa oral de história contribui com a leitura, concorda-se caso, após a contação, incentivar a leitura do livro ou do texto de onde foi retirado. Todavia, especificamente, as narrativas orais de histórias contribuem para outras questões de desenvolvimento, como já foi discutido no primeiro item desse artigo.

Faz-se necessário a compreensão da importância de experiências e contato com a arte da palavra, não como preparação para algo a ser cobrado, avaliado,

como por exemplo, a leitura, mas sim como potencializadora do desenvolvimento do que é do âmbito próprio da narrativa, ou seja, propulsora de imagens internas, de acesso a um vocabulário, a uma sequência narrativa que porventura poderá fornecer recursos às escolhas estilísticas para produção textuais, na compreensão da linguagem, entre outras particularidades.

Nesse viés, outra resposta que apresenta que as narrativas precisam ser melhor exploradas, principalmente no ambiente escolar e na formação docente, seja inicial ou permanente, aparece quando o participante 9, comenta que *“A interação da criança com a leitura desde muito cedo, faz com que ela saiba trabalhar com a interpretação utilizando sua concentração, boa percepção dos fatos e sua sequência, obtenha maior facilidade no desenvolvimento da escrita.”* Verifica-se, mesmo de forma implícita, que a narrativa não tem um espaço próprio, a não ser como coadjuvante, sendo utilizada com fins pretextuais.

Destaca-se que não é intuito julgar os objetivos pedagógicos dos participantes, porém muitas vezes, “os educadores parecem tão preocupados com os conteúdos que não percebem as possibilidades dessa prática em si mesma; com o intuito de se utilizarem deste momento como mera ferramenta” (BELLO, 2004, p. 161), desconsiderando o seu estatuto próprio e as possibilidades que proporciona para o desenvolvimento humano. Assim, ao ser apontado que a contação de histórias é ponte para o desenvolvimento da leitura, é considerá-la como pretexto. Diante disso, é necessário

[...] evitar o didatismo e a lição de moral; os estereótipos da palavra e dos gestos; o maniqueísmo e os preconceitos; o óbvio, o modismo e o lugar comum. Em geral, na escola, a escolha de um texto para se contado tem quase sempre, o poder de determinar conteúdos a serem estudados. Mas, quando a história contada vem em função de instaurar um espaço lúdico, ela pode gerar um outro tipo de expectativa: não mais a da cobrança, mas a do encantamento. (SISTO, 2005, p. 23)

Quando se trata de alfabetização, muitas vezes resume-se a aprendizagem somente do sistema de escrita alfabética e sua apropriação pelo aluno, esquecendo-se que essa aprendizagem abrange uma totalidade e não apenas a codificação e decodificação de um código. Várias questões são envolvidas tanto preliminarmente, como durante essa apropriação, e a narrativa oral de história, em

sua especificidade, irá auxiliar de forma preponderante. Por exemplo, ao proporcionar momentos de contação, os alunos têm a oportunidade de desenvolver a capacidade de compreender como se procede uma sequência de ideias de uma forma lógica e que tal fato auxilia no seu desenvolvimento da linguagem e do pensamento e não apenas para escrever um texto corretamente. A questão que se defende é a necessidade de considerar o ensino na sua totalidade e não estanque e fragmentado, e que a narrativa oral de história, em sua unidade, contribui para essa totalidade.

Por fim, destaca-se que as narrativas orais de histórias devem ser também o foco de mais estudos e reflexões, para que as fragilidades brevemente apresentadas no recorte de pesquisa que está em adamento, sejam indicadores para a necessidade de formações específicas que dediquem leituras, discussões e práticas que proporcionem um olhar que ressignifique a narrativa oral de histórias como propulsora do desenvolvimento do sujeito, principalmente a linguagem, e não como pretexto para conteúdos, projetos ou comportamentos.

5 Considerações Finais

O presente texto não teve a intenção de esgotar o assunto e sim apresentar um recorte de pesquisa que se encontra em andamento. Os resultados, mesmo preliminares, apontam que as contribuições das narrativas orais de histórias para a alfabetização são secundarizadas, não são consideradas em seu potencial para o desenvolvimento humano e sim somente como pretexto para ensino de conteúdos, tornando-se apenas uma estratégia pedagógica.

Diante dessas primeiras reflexões, verifica-se fragilidades sobre o entendimento dessa arte da palavra, como por exemplo, a falta de conhecimento sobre as narrativas orais de histórias para além de seus aspectos pragmáticos. Nesse aspecto, é possível inferir que essas são consideradas como estratégias didáticas, direcionadas ao fazer, e não em seu saber científico, fato que muitas vezes resumi-se ao senso comum e não aos seus fundamentos teóricos. Essas lacunas apontam a necessidade de uma formação docente que, além de discutir o como contar histórias, direcione prioritariamente ao porque e para que contar histórias.

Espera-se que o presente texto, mesmo que brevemente, suscite pesquisas e

discussões sobre as narrativas orais de histórias em sua especificidade como saber e não apenas como uma técnica ou estratégia de ensino.

Referências

BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BELLO, S. C. Por que devemos contar histórias na escola? In: Gilka Girardello (org.). **Baús e chaves da narração de histórias**. 2 ed. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v.1. 7 ed. [Trad. Sérgio Paulo Rouanet]. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

COELHO, B. **Contar histórias uma arte sem idade**. 10.ed. São Paul: Ática, 1999.

GIRARDELLO, G. (2004). **Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas**. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004. Disponível: <http://nica.ufsc.br/index.php/publicacoes/gilka>. Acesso: 14/01/20121.

LURIA, A.R. Vigotskii. 15. ed. In: Vigotskii, L.S; Luria, A.R. Leontiev, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2017.

MACHADO, R. **A arte da palavra e da escuta**. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

MACHADO, R. **Acordais**: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

MATOS, G. A; SORSY, I. **O ofício do contador de histórias**: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. 3ªed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita** : atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS, L.M. **O desenvolvimento do Psiquismo e Educação Escolar**: contribuições à luz da Psicologia Histórico – Cultural e da Pedagogia Histórico Crítica. Campinas-SP: Autores Associados, 2013.

ORTIZ, E. Ler, interpretar e recitar... In: Gilka Girardello (org.). **Baús e chaves da narração de histórias**.. 2 ed. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

ROMEO R.R; LEONARD, J.A; ROBINSON, S. T; WEST, M. R.; MACKAY A.P.; ROWE, M. L.; DE GABRIELI, J. **Além da lacuna de 30 milhões de palavras**: a

exposição das crianças à conversa está associada à função cerebral relacionada à linguagem. *Ciências psicológicas*. 2018; 29 (5): 700-710. doi: 10.1177 / 0956797617742725. Disponível: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0956797617742725>. Acesso: 09/02

/20121

SCHEDLOCK, M.L. Da introdução de A arte do contador de histórias. In: Gilka Girardello (org.). **Baús e chaves da narração de histórias**. 2 ed. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2 ed. Curitiba-PR: Editora Positivo, 2005.

VIGOSTKI, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.